

O HOMEM NA CULTURA: REFLEXÕES A PARTIR DA LITERATURA E DA PSICANÁLISE

Noeli Reck Maggi (UNIRITTER)
Leny da Silva Gomes (UNIRITTER)

RESUMO:

Com ênfase na leitura do mito Prometeu e do texto *O mal-estar na civilização*, de Freud, aborda-se neste trabalho aspectos referentes à ordem, à partilha, à busca de felicidade e ao convívio do homem com o sofrimento. O ser humano, por nascer em um mundo de linguagem, diferentemente dos demais seres, necessita encontrar significado para sua existência. Neste artigo, a partir de quatro versões do mito grego Prometeu, reflete-se sobre a interminável busca do homem por alternativas que lhe deem conforto pessoal na cultura e no convívio socialmente ordenado. O desejo de conforto e de prazer decorrente das manifestações instintivas se esgota diante da realidade e dos limites que a vida em comunidade impõe. O trabalho, a educação, a ordem produzem cultura em detrimento do gozo e da irracionalidade.

Palavras-chave: mito; cultura; desenvolvimento humano; Prometeu.

ABSTRACT:

Emphasizing the reading of Prometheus myth and Freud's */Civilization and Its Discontents/*, this work approaches aspects related to order, to sharing, to the search for happiness and to living with the suffering. The human being, born into a world of language, unlike other animals, needs to find meaning for its existence. In this article, from four versions of the Greek myth of Prometheus, there is a reflection on the man's endless search for means of finding personal comfort in culture and in socially ordered living. The desire for comfort and pleasure, arising from instinctual manifestation, runs out facing the reality and limitations that life in community imposes. The job, the education and the order produce culture over enjoyment and irrationality.

Keywords: myth; culture; human development; Prometeu.

Introdução

Os mitos, em suas diferentes concepções, fazem parte do imaginário humano num percurso que se estende do pensamento primitivo aos sistemas atuais de sentido, fortemente ancorados nas TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação). Assim, discutir a atualidade do mito a partir da literatura, ou de uma concepção que o reinscreva em seu estatuto de narrativa sagrada, é voltar-se a um eixo constitutivo do desenvolvimento humano, muito referido, mas pouco explicitado. Porquanto sua função primitiva de responder às inquietações

humanas sobre o convívio em comunidades, sobre as relações com a natureza e com as forças divinas e, também, sua função de atualizar a arkhê, a origem, através da circularidade temporal, escapa à lógica contemporânea de constituição de sentido.

Podemos situar as raízes da representação das relações do homem com as forças da natureza (forças divinas) nas narrativas míticas, em especial no mito do Titã Prometeu, em suas quatro versões, que envolve também Pandora. Os mitos não estão situados num tempo definido e não se submetem às leis da realidade empírica, mas criam realidades. Assim, podem ser desdobrados e aproximados a situações em que o homem vive a sua existência, desenvolve seu conhecimento e busca caminhos de realizações. O mito tem influência sobre a teoria e a prática psicanalíticas, na medida em que a leitura que se faz dele aproxima o pensamento do passado para o que transcorre na história de cada sujeito que vive o seu tempo e trajetórias atuais. Freud se utilizou de mitos para escrever seus textos sobre Totem e Tabu, Édipo, Hamlet, Os sonhos de Gradiva.

Especulando em torno das virtualidades latentes e contornando os limites do que pode ser pensado, os mitos manifestam desejos inconscientes de algum modo inaceitáveis pela consciência. Nesse processo, se decompõem em fragmentos que se relacionam com imagens, pessoas e personagens em função de determinados papéis e valores.

Prometeu e o homem civilizado

A cultura escrita nos legou várias versões de um mesmo mito, muitas vezes de forma fragmentada. Do mito envolvendo Prometeu, temos quatro registros canônicos que se tornaram um fundo comum ao pensamento ocidental: dois de Hesíodo (*Os Trabalhos e os Dias* e *Teogonia: A origem dos deuses*); um de Ésquilo (*Prometeu Acorrentado*); um de Platão (*Protágoras*). Os poemas de Hesíodo são os mais arcaicos, no sentido histórico, podem ser entendidos como a representação de um princípio que aponta para a passagem do pensamento mítico, do saber coletivo, da indistinção entre sujeito e objeto, ao logos, pensamento baseado em uma lógica racional, à percepção do distanciamento capaz de gerar um pensamento crítico-reflexivo: “neste canto arcaico pulsa já o primeiro impulso do pensamento racional.” (Torrano, in Hesíodo, 2003, p. 18). Neste estudo, o tratamento dado por Hesíodo às personagens do mito *Prometeu e Pandora* servirá para aproximá-las da existência humana, especialmente na captura das condições da passagem do homem natural para o homem civilizado.

O ser humano, desde os primeiros tempos históricos, busca encontrar sentido para a sua existência. Por ser constituído pela linguagem, se diferencia dos demais seres vivos e, ao mesmo tempo, padece por não conseguir curar-se do sofrimento advindo de sua incompletude e por não conseguir a plenitude da felicidade. Desde o seu nascimento, oscila entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, entre o amor e o ódio, entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, prevalecendo nele a busca pela sobrevivência junto à cultura que o acolheu e o subjetivou em determinado estrato social.

Nesse contexto, o registro escrito do mito *Prometeu e Pandora* é revelador dessa matéria arcaica constituinte do humano em processo civilizatório. Em Hesíodo, a figura de Prometeu é mostrada em sua conduta astuciosa que objetiva favorecer os indefesos humanos com práticas dolosas em relação ao pai dos deuses – o poderoso Zeus. Na *Teogonia*, a História de Prometeu é o relato/canto de suas ações e linguagem enganosas na partilha de um grande boi entre homens e deuses, entre mortais e imortais. Já neste pensamento primitivo, revelam-se especulações filosóficas da modernidade sobre a condição humana, gestada na linguagem, pois a palavra en/cena o homem no mundo. Um monte de ossos coberto com gorduras foi destinado a Zeus, de forma enganosa pela aparência, enquanto a parte formada de carnes, coberta com as vísceras, foi reservada aos humanos. Esse é um momento de ordenação

dos espaços próprios aos imortais e aos mortais. Desse movimento de sagacidade de Prometeu resulta a ira de Zeus contra os homens e a tentativa desses de restabelecimento da comunicação, através da queima dos brancos ossos em altares de sacrifício. A indistinção na convivência entre animais, homens e forças da natureza (forças divinas) começa a ser reestruturada, dimensionando atributos e funções na partilha que daria forma ao caos, à mistura entre os seres. A representação dessa ordenação configura a concepção do cosmos pelo homem primitivo.

O desenvolvimento humano tematizado nesse mito exige do homem o domínio do seu impulso natural de agressão e de autodestruição, porém não se pode medir o custo causado por esta renúncia, para que a perturbação na vida em grupo seja amenizada. Segundo Freud (1980, p.170), “os homens não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros até o último homem pela força que adquiriram sobre as forças da natureza. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade.”

Na sequência dramática que opõe deuses e homens, separando aqueles que não comem a carne dos animais, não comem os alimentos que se deterioram, daqueles que deles se alimentam, um jogo se estabelece, cujas regras se baseiam em dar, retirar, receber e furtar. Em resposta à ardilosa distribuição das partes do animal sacrificado por Prometeu, Zeus retira dos homens o fogo, disponível na natureza, e suprime os cereais que havia naturalmente em abundância. Simbolicamente, a supressão do fogo pode também significar a privação da inteligência, da capacidade de entendimento. Na tragédia de Ésquilo, Prometeu, em seu lamento, dirige-se ao coro afirmando que os homens, sem a mediação dele, eram desprovidos de razão, de pensamento.

Ouvi, porém, as tribulações dos mortais; ouvi como, de parvos que eram, os tornei racionais e dotados de inteligência. Quero contá-lo, não porque tenha queixas da Humanidade, mas para demonstrar quão amistosas foram minhas dádivas. Eles, antes, olhavam à toa, sem ver, escutavam sem ouvir; por toda sua longa existência, tudo confundiam sem tino, como vultos vistos em sonho. (Esquilo, 1964, p. 28)

Prometeu, com o intuito de proteger os humanos, vai ao Olimpo e rouba uma fagulha do fogo que Zeus ocultara. Em contrapartida, o pai dos deuses resolve dar um presente aos homens, a primeira mulher. São movimentos oscilantes que, ao mesmo tempo, separam homens-deuses-terra-céu, dimensionando as naturezas divina, humana e animal, e as aproximam em outras condições. O fogo roubado de Zeus não estará mais disponível, mas deve ser mantido, alimentado, deverá ser resguardado; os cereais, antes em abundância, devem ser cultivados com o doloroso trabalho, então, a alimentação deverá ser construída; da autogeração sexuada surgem os males e a morte, sobre os quais o homem não tem domínio; a comunicação entre homens e deuses se fará através da fumaça do sacrifício, cuja linguagem ambígua deverá ser interpretada e estará sujeita à pluralidade de realidades.

Pelo jogo de regras alimentares, o homem foi estabelecido no estatuto que lhe é próprio: à justa distância entre a selvageria dos animais que se devoram uns aos outros crus e a imutável felicidade dos deuses que ignoram a fome, a fadiga e a morte porque nutridos de perfume e ambrosia. Essa preocupação com delimitação precisa, com repartição exata, une estreitamente o sacrifício, no ritual e no mito, à agricultura de cereais e ao casamento, que definem, em comum com o sacrifício, a posição particular do homem civilizado. (Vernant, 1992, p.71- 72)

Em *Os Trabalhos e os Dias*, avultam as tramas da relação entre Prometeu e Zeus. Após Prometeu ter roubado o fogo de Zeus, o pai dos deuses doa aos humanos um “belo presente” – Pandora. A ambiguidade marca a criação dessa bela, sedutora e ambivalente figura feminina,

portadora do jarro que contém todos os males. A figura feminina reproduz a posição ambivalente dos humanos entre a esfera divina e a animal. Pela transgressão de Prometeu rompe-se a comunicação natural entre mortais e imortais, e o dom da linguagem apropriado aos humanos também terá o caráter da ambivalência – “sedutoras palavras”. O fogo, atributo de Zeus, passa a constituir um princípio de civilização para os homens, afastando-os da condição indistinta entre as forças da natureza, tanto pelo processo de alimentação, quanto pela possibilidade de construção. Construir para habitar, habitar para ser em um espaço próprio, para ser no mundo, é uma das perspectivas deste mito que aponta para o desenvolvimento humano. No entanto, ele não é mais um fogo natural, é um fogo que deverá ser produzido e mantido, deverá ser protegido, gerando cuidados para não se extinguir e para que não se converta em instrumento de destruição. Também Pandora porta os dons divinos e, ao mesmo tempo, “o espírito de cão”, provocador de sofrimento e aflição.

Em busca da impossível completude

O que subjaz nas falas de Zeus e de Prometeu nos permite pensar que as promessas de felicidade e bem-estar perpassam e determinam a busca incessante do ser humano por alívio da sua dor mediante derivativos de sublimação. Pandora é cultura, é produção. Ela agrega todas as forças naturais e divinas, entretanto se manifesta pela astúcia superior. As forças estão presentes, mas é necessário abrir mão da plenitude de seu suposto poder, porque misturada à preservação, está a destruição, em elementos representados pelo sacrifício, sexualidade, alimento, agricultura. Nesse sentido, os dons naturais, aqueles derivados das forças da natureza, não são suficientes para garantir a sobrevivência do homem que deverá renunciar aos privilégios doados para viver com os seus semelhantes.

Entre os muitos sentidos que se podem atribuir a esse mito de Hesíodo, *Prometeu e Pandora*, chama atenção a complexa teia estabelecida entre a doação da figura feminina, a concepção da geração sexuada, a condição de portadora de todos os dons (Pandora), que a assemelha às deusas, e sua analogia ao jarro que contém todos os males. Instruída por Zeus, Pandora abre a tampa do jarro e espalha os males entre os homens. Esses são, conforme o mito, da ordem do não localizável, não identificável, pois não têm voz, não se manifestam. “levando males aos mortais/, em silêncio, pois o tramante Zeus a voz lhes tirou” (Hesíodo, 1991, p. 29, vv.103-104). Entre os males está a consciência sobre a doença, a morte e o envelhecimento, porquanto antes da partilha a grei dos homens vivia a salvo, em comunhão com os deuses. Perder essa condição de plenitude significa um destino de sofrimento. Freud quando escreve o mal-estar do homem civilizado aponta três principais fontes de sofrimento: o poder incontrolável da natureza, a decadência e a morte do corpo e a dificuldade nos relacionamentos interpessoais. Entretanto, a expectativa “abaixo das bordas restou e para fora não voou” (Hesíodo, 1991, p.29, vv.97-98). Segundo palavras do próprio Prometeu, a guarda da expectativa (ou da esperança conforme algumas traduções) é uma garantia, embora ilusória, contra as preocupações em relação ao futuro insondável. “Curei nos homens a preocupação da morte [...] Alojei neles as cegas esperanças” (Ésquilo, 1964, p. 24).

O estabelecimento dessa cisão entre deuses e homens repercute na posição dos humanos que passam a se distanciar também da condição primitiva, porque com o roubo do fogo perpetrado por Prometeu, na sequência do jogo de ardis entre o pai dos deuses e o Titã, os humanos entram no ciclo civilizatório, caracterizado pela passagem do cru ao cozido, pelo estabelecimento das regras de união (casamento). Porém, essa posição intermediária entre o instinto primitivo e a luminosidade divina é desconfortável aos homens, porque os deixa oscilantes, em situação de insegurança, de incerteza, no fluxo da vida, que lhes impossibilita reter o objeto de suas perenes buscas.

No texto sobre o mal-estar na cultura, Freud anuncia que os humanos necessitam renunciar ao prazer e às gratificações plenas para viver em grupo. O processo de sublimação, entendido como deslocamento de forças pulsionais de origem sexual para fins socialmente aceitáveis, produz cultura, ou seja, desenvolvimento civilizatório. Observa-se no mito de Hesíodo que o castigo de Zeus a Prometeu, ao criar Pandora, produz o que poderá ser chamado de renúncia ao prazer imediato no sentido da necessária convivência com a felicidade, falsidade, injúria. Pandora é fonte de sedução astuta e, ao mesmo tempo, de amor.

No *Protágoras*, de Platão, não se trata da contenda entre deuses e homens, mediada por Prometeu, mas da distribuição de recursos a todos os animais que ao emergirem da terra para a luz deveriam ter aptidão para sobreviver sem que nenhum gênero fosse destruído na convivência. Quem faz a ordenação é Epimeteu, irmão de Prometeu, que, ao contrário deste, não é muito sagaz. Então, distribuiu entre os animais as qualidades disponíveis e não se lembrou dos homens que permaneciam nus, descalços, sem abrigo nem armas. Para resolver o problema criado pelo irmão, Prometeu vai ao Olimpo e rouba o fogo de Hefestos e as artes de Atená. Assim, munidos do fogo, os homens aprenderam as artes de construir, de fabricar rudimentares ferramentas, aprenderam a alimentar-se e a proteger-se das intempéries, mas não souberam viver em harmonia, porque lhes faltava a visão política. De Atená obtiveram as artes manuais e a força guerreira, mas lhes faltava o regramento do convívio em grupo. De fato, a arte política da convivência mostra-se problemática desde os tempos primitivos, impelindo o homem a um esforço extenuante para estabelecer e manter os laços tanto individuais quanto coletivos de forma coesiva, em detrimento da tendência dissipativa.

O mito de *Prometeu e Pandora* encena o drama humano na busca da ordem regulada pela inteligência e pela astúcia fraudulenta, em que a felicidade escapa de qualquer forma de controle. Somos incompletos e por não nos constituirmos no “todo” ou na “completude”, temos de recorrer à renúncia buscando formas alternativas de vida. O trabalho, a educação, a renúncia ao gozo produzem cultura e é disto que o ser humano se ressent, de não poder viver a condição de plenitude, ao encontro do poder e do saber plenos. A condição de nascer “natureza” e de ser dominado pela pulsão convoca o ser humano a sair da dor da vivência de puro “gozo” para buscar algo além do que possui. A inscrição genética nos animais os torna “felizes” pelo próprio funcionamento pleno do organismo no atendimento de suas necessidades. No homem, a linguagem, o desconforto na vivência do “gozo”, ou do excesso de prazer, o impulsionam a restringir essa falsa gratificação pela busca da também falsa felicidade.

O processo civilizatório exige muitos esforços para manter a partilha, a ordem, a justiça e o bem comum, na maioria das vezes inatingível. A gratificação é sempre incompleta e isso é da condição humana. Em função dessa incompletude, o homem é impulsionado a sempre buscar modos de encontrar o que poderia ser atingido, embora se revele inatingível e longínquo.

Em *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, encena-se a punição que Zeus impõe a Prometeu por este ter reiteradamente socorrido os humanos. Prometeu é preso em um rochedo e tem seu fígado diariamente esfaqueado por uma águia. Esse órgão do corpo, devorado durante o dia, se recompõe à noite, para ser novamente arrancado, numa infundável e dolorosa repetição. Seus lamentos mostram a dor desse personagem que sofre pela incompreensão de mortais e imortais que se beneficiaram de sua participação nos litígios.

Desconheciam [os homens] casas de tijolos ensolaradas e não sabiam lavar a madeira; moravam sob a terra, como as ágeis formigas, no fundo sem sol de cavernas. Não conheciam nenhum sinal seguro do inverno, nem da primavera florida, nem do verão frutuoso. Tudo faziam sem saber, até quando lhes ensinei o orto dos astros e seu obscuro poente. Inventei para eles o número, a suprema ciência, bem como a escrita que tudo recorda, arte mãe de toda cultura. Fui quem primeiro ligou sob o jugo os animais,

escravizando-os à canga ou à sela, para substituírem os mortais nos trabalhos mais penosos, e atrelei ao carro cavalos dóceis à rédea, ornamento aparatoso da opulência [...] (Esquilo, 1964, p. 28).

Na tragédia de Ésquilo, é a humanidade dos homens que está representada nas ações e no sofrimento de Prometeu que, como herói civilizador, representa um processo de desenvolvimento cultural, atrelado ao sofrimento, ao desempenho produtivo, ao trabalho dos homens.

Em *Prometeu*, a dor torna-se o sinal característico do gênero humano. Aquela criação efêmera trouxe à obscura existência do homem das cavernas a iluminação da cultura. Se ainda precisarmos de uma prova de que este deus acorrentado ao rochedo como que por escárnio do seu feito encarna para Ésquilo o destino da humanidade, iremos encontrá-la no sofrimento que ele partilha com ela e que nele se multiplica ao infinito. Ninguém pode dizer até que ponto o poeta conseguiu uma consciência plena do seu simbolismo. Em *Prometeu* não aparece tão claramente a personalidade individual, característica das figuras míticas da tragédia grega e que as faz parecer como homens que realmente viveram. Todos os séculos viram nele a imagem da humanidade (Jaeger, 2003, p. 310).

Retornando a Freud, pode-se compreender que esta dinâmica incessante e nunca atingida na busca de prazer estabelece uma diferença fundamental entre o homem civilizado e o homem primitivo. O homem civilizado é governado pelo desejo, sempre incompleto, e por isto, sempre almejado.

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito tênues. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança (Freud, [1930] 1980, p. 137).

O conflito entre a necessidade do reconhecimento e do amor da autoridade e o impulso para a satisfação instintiva do homem gera o sentimento de culpa ou a obrigação de reparação, embora a inibição desse impulso possa estar associada à predisposição para comportamentos agressivos. A civilização só ocorre à custa da repressão dos instintos e através da culpa. No mito *Prometeu e Pandora*, evidenciam-se comportamentos reparadores em função de atos cometidos como o roubo do fogo e sua oferta aos homens, assim como a apresentação de ossos cobertos por gordura para Zeus, ainda que essas respostas sejam evidências de promessas enganosas. Quando não são astúcias divinas derivadas de Zeus, são recompensas fraudulentas encobertas com arte, administradas por Prometeu.

Os dois textos de Hesíodo nos instalam na esfera mítica em que a natureza se constitui em forças divinas não sujeitas a questionamentos, pois ao mito, narrativa sagrada, imprime-se o selo da *aletheia* (a verdade). A posição do interlocutor (ouvinte) é de crença nas verdades arcaicas em que homens, deuses e animais viviam em harmonia. A lógica das narrativas é da ordem do maravilhoso e elas têm entre suas funções o estabelecimento de elos sociais, conferindo uma atitude de religiosidade entre os homens de um determinado grupo social. Essa religiosidade diz respeito à ligação entre os membros que compartilham de um fundo comum de crenças, gerador de coesão social.

Em contraponto, a agressividade é originada desde as manifestações primitivas pela necessidade de sobrevivência do ser humano. Expressa-se através da força, da pulsão e é sem limites. O homem é o único ser capaz de transitar entre sentimentos regidos pela força e

sentimentos em que são preservados os direitos de convivência grupal, ou seja, entre a barbárie e a cultura.

O texto sobre o mal-estar na civilização enfatiza:

[...] o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a esse programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida (Freud, [1930] 1980, p. 145).

As normas sociais, os mandamentos religiosos, as restrições sexuais e as manifestações reativas ao exercício do prazer têm como finalidade inibir a impulsividade entre os homens de modo a facilitar os relacionamentos nas diferentes esferas da vida. A psicanálise revela que o homem, na sua origem, não é uma criatura gentil nem espera ser amada, mas é um organismo que faz uso de toda a sua força para mobilizar os esforços incondicionais de todo o seu entorno, a fim de garantir a sua sobrevivência.

Se no pensamento mítico não há um distanciamento, uma racionalidade, capaz de perceber a defasagem temporal das representações e a ficcionalidade das figuras míticas, nas encenações das tragédias, os espectadores se veem diante de heróis que pertencem à memória coletiva e paradoxalmente estão ali presentes. Esse acontecimento cava uma distância entre o drama e os espectadores e, ao mesmo tempo, os aproxima pelas discussões provocadas pelas ações, principalmente nas intervenções do coro, que se identifica com o cidadão da pólis.

[...] através do debate aberto pelo drama, e o próprio estatuto do homem que toma forma de problema, é o enigma da condição do homem que é colocado, sem que a investigação trágica, retomada sem cessar, jamais terminada, possa avançar uma resposta definitiva e encerrar a interrogação. Em sua forma autêntica, o mito trazia respostas sem jamais formular explicitamente os problemas. A tragédia, quando retoma as tradições míticas, as utiliza para colocar, através delas, problemas que não comportam solução. (Vernant, 1992, p. 181)

Percebe-se nos diálogos de Prometeu com o coro, além da recuperação de passagens do mito, acréscimos que dizem respeito à época da encenação, à cultura escrita, ao pensamento reflexivo, ao comportamento dos tiranos.

O século V, século do desenvolvimento da tragédia é marcado pelas grandes discussões em praça pública, na ágora. O processo de democratização legou ao cidadão a consciência da responsabilidade política, da isonomia, criando uma prática de debate público e de reflexão sistemática. A tragédia se funda nesses princípios educativos, sem deixar de homenagear o excêntrico deus Dioniso, deus das bordas selvagens da pólis.

A educação impõe sacrifícios a este sujeito o qual exagera na utilização de recursos governados pelo princípio do prazer. Esse mesmo sujeito necessita reprimir essa impulsividade em benefício da sua sobrevivência frente à realidade. O homem pode transitar entre a expressão natural das forças psíquicas e a expressão de desejos governados pelos princípios sociais impostos pela cultura. Há uma tentativa recorrente de o ser humano retornar às formas mais primitivas de comportamento na tentativa de buscar o prazer, embora este somente seja usufruído com a presença de limite e de restrições da realidade. Esta realidade

que é promissora de um mundo mais justo e harmonioso, ao mesmo tempo, se revela incompleta.

A persuasão ou a sedução pela linguagem que encaminha o outro para uma determinada direção se tornou matéria de reflexão já entre os filósofos. Nos diálogos de Platão, o mito Prometeu é narrado por Protágoras para demonstrar, através da narrativa, qual o objetivo da educação dos jovens pelos sofistas. Nas palavras de Sócrates: “A ver – dije yo -, si sigo tu discurso, me parece que estás hablando del arte político y prometes hacer buenos ciudadanos de los hombres” (Platón, 2005, p. 55). Embora o discurso de Protágoras seja um extenso bloco, grande parte do diálogo entre Sócrates e Protágoras se dá em forma de perguntas e respostas curtas em que os argumentos conduzem os interlocutores a perceber a lógica do raciocínio e as falhas ou incoerências na argumentação. Protágoras é o sofista, mestre da persuasão, que se vê nas malhas da argumentação de Sócrates. A busca da verdade passa a ter ligação com a coerência interna do discurso.

Este tipo de racionalidade opõe-se tanto ao dos sofistas quanto ao do mito; está ligado à emergência de um novo simbolismo social em que o mestre, o filósofo (*o philosophos*, o “amigo do saber”) desempenha um papel institucional, possui sua academia e alunos nos quais deixa sua marca. Ele deve distinguir-se de fato do sofista e também do poeta trágico que vem declamar usando coturnos e uma máscara (Vernant, 2001, p. 206).

Não se conhecem todos os variados modos de funcionamento mental dos humanos e sabemos que mais difícil ainda é descrever ou estudar os sentimentos de modo científico. Segundo Roudinesco (2008), todos os homens possuem a parte obscura e dissimulada dentro de si, representada pela negatividade em relação aos crimes e às crueldades dos perversos. Para a autora, descrevemos e relatamos o horror do sadismo, da barbárie e também da criatividade cometidos por personagens identificadas na história, no entanto somos compelidos a esta repulsa pelo que subjaz no nosso inconsciente. A astúcia criativa e cruel está presente em nossos atos dissimulados em comportamentos revestidos de bondade e de amor.

Considerações finais

Como vimos, no mito de Hesíodo, o presente de Zeus concede ao ser humano a mulher Pandora que é provida de sexualidade, sedução e beleza, mas também de doença, dor e sofrimento. Nos mitos, as personagens também transitam entre manifestações inteligentes e benevolentes e as promessas astutas e fraudulentas. Em *Prometeu e Pandora* a ambivalência é manifesta tanto na conduta dos humanos quanto na dos imortais. A ira dos deuses se faz presente nos mitos e é revisitada na cultura dos homens. A constituição do sujeito pela linguagem o inscreve na função simbólica e demarca a sua diferença em relação aos demais seres vivos como um ser desejante.

O movimento que impulsiona o ser humano a buscar bem-estar e satisfação nunca se completa e o objeto de gratificação será sempre faltante. A procura de prazer é contraditória, tendo em vista a realidade, que não poupa o sujeito de sacrifícios. Torna-se, assim, apenas uma tentativa fracassada de encontrar meios alternativos de sobreviver às demandas sociais. Segundo Freud ([1930] 1980), a civilização nos adverte que as regras sociais são muito fortes e que a ordem se dá à custa do sofrimento. O preço para seguir os preceitos da civilização é bastante alto, especialmente quando foram mobilizadas fortes defesas contra a agressividade.

O mal-estar acompanha o homem civilizado para sempre, tanto no nível individual quanto social. A sublimação pode auxiliar o sujeito a encontrar saída para suas dificuldades, ou seja, trata-se de renunciar à gratificação plena dos impulsos uma vez que, se ele não usar alguns mecanismos adaptativos, estará exposto ao excesso de prazer e, portanto, à autodestruição.

A civilização é ordem, higiene, limpeza, educação e tem como uma das finalidades substituir o poder do indivíduo pelo poder da comunidade. A função simbólica possibilita ao homem pensar, criar, desejar e também sofrer. Desde que o homem reprimiu a expressão dos impulsos para enfrentar a realidade, mesmo com sofrimento, está para sempre inscrito na ordem da cultura, da educação e da civilização. O presente de Zeus aos homens, representado pela ambivalente Pandora, nos permite pensar o destino da humanidade em busca de felicidade que nunca será alcançada. Essa figura produzida com todos os atributos divinos para alegrar os homens, revela-se também portadora de males destrutivos.

Referências

- ÉSQUILO. (1964). Prometeu acorrentado. In: *Teatro Grego*. Sel. Intr. notas. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix.
- FREUD, Sigmund. (1980). O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI.
- HESÍODO. (1991). *Os trabalhos e os dias*. Intr. Trad. Notas Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras.
- HESÍODO. (2003). *Teogonia: A origem dos deuses*. Est. e trad. Jaa Torrano. 5. ed. São Paulo: Iluminuras.
- JAEGER, Werner. (2003). *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes.
- PLATÓN. (2005). *Protágoras. Gorgias. Carta sétima*. Intr. Trad. Javier Martínez García. Seg. reimp. Madrid: Alianza Editorial,
- ROUDINESCO, Elisabeth. (2008). *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. tradução André Telles; revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge, Rio de Janeiro: Zahar.
- VERNANT, Jean-Pierre. (1992). *Mito e religião na Grécia antiga*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas (SP): Papirus.
- VERNANT, Jean-Pierre. (2001). *Entre mitos e política*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Universidade de São Paulo.